VOX AQUILAE

Nº 26 | Dezembro de 2021

Editorial

Este número do Vox Aquilae foi feito pelos alunos das duas turmas do 9º ano. O grande objetivo foi o de dar a conhecer um pouco da vida do colégio ao longo do primeiro período. Como não podia deixar de ser, a temática do Natal não foi esquecida, com algumas obras artísticas e textos sobre este assunto.

Em nome de todos os rapazes que trabalharam nesta edição aqui ficam os votos de um Santo Natal e de um Ano de 2022 cheio de sucessos pessoais, académicos e profissionais.

António Lopes

Os objetivos para 2021-2022

1 - A seleção de futebol.

Fomos falar com a Direção sobre as expectativas e os grandes objetivos para o ano letivo de 2021-2022. Apresentamos de seguida esses objetivos:

- Continuar a desenvolver as seleções desportivas que já existem, como as de futebol e rugby que já participam em torneios e campeonatos; arrancar com uma equipa de voleibol e uma de basquetebol.

- Pôr a trabalhar o sistema de casas. A ideia é dividir as turmas em quatro casas e cada casa é constituída pelos alunos do primeiro ao décimo segundo ano, havendo depois competições entre elas.

- Desenvolver e estimular a leitura individual. Há o objetivo de conseguir que todos os alunos do terceiro ao nono ano tenham uma hora de leitura semanal. O colégio tentará disponibilizar vários livros para que possam ser usados nessas leituras.

- Instituir um concurso literário para estimular a escrita.

- Continuar a fazer as Jornadas Culturais para desenvolver a capacidade de investigação e de comunicar oralmente.

- Promover parcerias com universidades para os alunos mais velhos. Os alunos de ciências do IB já vão à Faculdade de Ciências fazer experiências, aproveitando os equipamentos laboratoriais lá existem

- Promover para os alunos do IB pequenos estágios em empresas de pais do colégio, para terem contacto com o mundo do trabalho.

Como podemos ver, o Planalto tem um conjunto largo de objetivos para este ano letivo. Vamos torcer para que sejam atingidos!

Rodrigo D'Ávila, Rodrigo Palminha e Ruben Silva

Santiago Pou

A semana de pausa do 2º ciclo

Como já é tradição no 2º Ciclo, a primeira semana de novembro foi dedicada a atividades, quer sejam educativas, desportivas ou simplesmente de descanso. Os alunos passam assim com os professores algum tempo juntos, depois da primeira vaga de testes. Convidamo-vos a fazer uma viagem por estes dias bem animados.

Como segunda-feira foi feriado, a semana de atividades começou na terça, dia dois, com uma ida ao Museu Nacional do Traje. Os alunos, acompanhados dos pelos professores José Maria Mathias, Henrique Laurentino e Catarina Fortuna, foram descobrir muitas informações sobre trajes antigos em Portugal da nobreza, do clero e do povo.

Para variar as atividades, quarta-feira foi um dia recheado de desporto. Os alunos do 2º ciclo tiveram uma manhã desportiva onde se jogou futebol de 5. A fase de grupos disputou-se de manhã, no pavilhão do colégio, com jogos de quinze minutos. Os vencedores foram os Red Devils, que se superiorizaram aos Invencíveis por muito pouco.

Depois, durante a tarde, houve uma conferência subordinado ao tema "Rugby, uma escola de vida", com a presença do jogador Vasco Fragoso Mendes, e o diretor da Federação Portuguesa de Rugby, o Dr. Francisco Martins. O responsável pela organização foi o professor Mário Pato.

Já depois das aulas, para os quarenta jogadores da seleção de rugby, houve um jogo treino no Colégio Militar. O objetivo foi o de proporcionar aos alunos do Planalto um treino diferente, num campo de grandes dimensões e com postes de rugby, contactarem com treinadores desta modalidade desportiva dos escalões de formação e criarem laços e espírito de equipa.

Na quinta-feira houve uma prova de corta-mato, que se realizou-se na Quinta das Conchas. Os vencedores tiveram direito a receber medalhas.

No último dia, houve aquela caminhada que já está no sangue dos alunos, à Serra da Arrábida, com o 5º ano. Passaram lá o dia e até deu para molhar os pés na praia do Portinho da Arrábida. Mas antes disso, caminharam pelos trilhos abertos pelo professor John Moreira. Para o 6º ano, houve um passeio ao Castelo de Sesimbra.

Foi uma semana com uma ótima relação e entreajuda entre todos e os alunos do 2º ciclo esperam por mais. O envolvimento dos novos professores foi uma marca destes dias, contribuindo para uma semana diferente e bem divertida.

Dinis Pereira, José Boavida, Kiene Rómulo

A semana de pausa do 3º ciclo

2 - O 9º ano no Museu da Farmácia.

Fomos entrevistar os diretores de turma do 3º ciclo para conseguir perceber melhor como decorreu a semana de pausa. Apresentamos, de seguida, as opiniões de cada um deles.

Professor Gonçalo Cândido (diretor de turma do 7º ano):

Para começar, perguntámos ao Professor Gonçalo Cândido como tinha sido organizada a semana de pausa de Outono. O Professor salientou que tinha sido programado um conjunto de atividades culturais e físicas numa perspetiva formativa completa.

De seguida quisemos saber quais tinham sido exatamente as atividades desenvolvidas. O Professor Gonçalo explicou que tinham visitado o Museu do Vidro, na Marinha Grande, no âmbito do tema das Jornadas Culturais deste ano letivo. No dia seguinte, houve um torneio desportivo com especial foco no rugby (porque estamos a criar uma seleção de rugby) e durante a tarde estiveram no colégio o vice-presidente da Federação Portuguesa de Rugby e um jogador da Seleção Portuguesa. Também foram fazer um treino em conjunto com os alunos do Colégio Militar. Na quinta houve um corta-mato.

Ainda quisemos saber qual a importância que essa semana teve para os alunos. O Professor acredita que essa pausa, com todas estas atividades, é extremamente importante para os alunos. Não só porque permite descansar, mas também porque enriquece os alunos do ponto de vista humano e cultural. Salienta que essa pausa é fundamental dado que este período é muito grande (quase quatro meses) e torna-se extremamente enriquecedora. Houve uma participação muito intensa dos os alunos e viu-se que ficaram muito satisfeitos.

Professor Nuno Espadinha (diretor de turma do 8º ano):

Na nossa conversa com o Professor Nuno Espadinha, começamos por tentar perceber como tinha sido organizada a semana de pausa. O Professor explicou que essa semana parte de uma decisão da Direção do Colégio que propõe que não haja aulas e que os diretores de turma dos três ciclos se reúnam para coordenar as atividades entre si de modo a não haver sobreposições, assim como escolher atividades divertidas mas, ao mesmo tempo, com um caráter formativo. Na escolha dessas atividades, são tidos em conta os interesses dos alunos e também a experiência dos anos anteriores.

Em relação às atividades especificas do 8º ano, ficamos a saber que houve três saídas. A primeira, foi a visita à Fragata D. Fernando e Glória, em Cacilhas, e a segunda foi uma ida até ao Parque das Conchas, a pé, para fazer um corta-mato, com a cooperação da PSP. Para finalizar a semana, houve uma saída de exploração à Serra de Sintra, que partiu da Lagoa de Sintra, com um percurso no mato até à Barragem do rio da Mula.

Quanto à importância dessa semana, o Professor referiu que é essencial para fazer uma pausa e aliviar um pouco a tensão, mas há também um plano de formação integral que visa valores como a coesão, a união e o espírito de equipa. Apesar disso, também destacou que pode ter "um senão": pode quebrar-se um pouco o ritmo de trabalho e estudo, mas isso acaba por ser compensado com os valores que são transmitidos.

O balanço que se pode fazer dessa semana é muito positivo, mas também cansativo (sobretudo para os professores). Conseguiu-se criar um espírito de convívio e de equipa e um enriquecimento em termos culturais e de formação. Foi uma semana muito positiva.

Professor José Fura (diretor de turma do 9º ano)

O professor José Fura referiu que, para o 9º ano, esta foi a terceira vez que foi organizada esta pausa. No entanto, nos anos anteriores acabou por não correr muito bem uma vez que, no primeiro ano choveu toda a semana e estavam programadas muitas atividades desportivas no exterior; e no segundo ano foi a pandemia que fez ficar muitos alunos em casa. Este ano já houve uma boa participação do 9º ano, com atividades muito interessantes, embora nem todos os alunos tenham participado em todas.

Na terça-feira de manhã o 9º ano visitou o Museu da Farmácia e, à tarde, foi feita uma visita à Baixa Pombalina onde o Professor António Lopes fez uma explicação sobre o Marquês de Pombal e a sua época, caracterizando os edifícios e a arquitetura da Baixa reconstruída depois do terramoto 1755. Organizaram-se grupos para tirar fotografias aos edifícios e participar num concurso.

Na quarta-feira houve menos participação, mas realizou-se um torneio de andebol e, da parte da tarde, tivemos uma conferência com um jogador da seleção portuguesa de rugby e um elemento da Federação, no salão da Fomento.

Na quinta-feira houve atividades apenas da parte da manhã. O Padre Diogo fez uma apresentação de preparação para o Crisma e trouxe um convidado que abordou a temática deste sacramento e deu o seu testemunho sobre a vida cristã.

Na sexta-feira foi feita uma caminhada na Serra de Sintra com os 7º e 8º anos e foi muito interessante. Da parte da tarde houve a projeção de um filme.

A opinião do professor é que esta pausa é muito importante, mas que não deve ser encarada pelos alunos como férias. É uma oportunidade para fazer atividades diferentes e competências importantes. Tem de se incentivar a participação de todos porque só assim faz sentido. Esta pausa é estratégica para o rendimento dos alunos. Ela é feita após o primeiro momento de avaliação e permite fazer um corte de um estudo mais formal para atividades mais recreativas, mas que também são formativas e enriquecedoras para a formação pessoal.

Após falarmos com os três Diretores de Turma, consideramos que o balanço foi muito positivo . Seria importante incentivar os alunos a participarem, vendo esta pausa não como uma obrigação, mas sim um momento de descanso e de oportunidade de fazer coisas diferentes. É preciso acabar

com a ideia de que o colégio é apenas um lugar para estudar e ter aulas pois não é esse o conceito da semana de pausa. Esta é uma semana onde todos se podem divertir e ter atividades que não podem fazer no resto do ano.

A conclusão que podemos fazer é que esta iniciativa do colégio em fazer a chamada "semana de pausa de outono" é de louvar. Permite "recargar baterias" para o segundo momento de avaliações antes do Natal.

O conjunto de atividades organizadas pelos professores, a quem agradecemos desde já, permitiu um convívio diferente entre alunos e professores, muito importante para criar laços e espírito de equipa. Ao mesmo tempo que nos divertimos e descansamos, vamos também aprendendo, o que se torna muito enriquecedor.

Afonso Esteves, Francisco Coimbra, Miguel Ramalho

José Franco

Artes Performativas

Artes Performativas é uma nova disciplina que começou a ser dada este ano no Colégio. As aulas são lecionadas pelo professor Henrique Laurentino, desde o primeiro ano até ao nono ano. Esta disciplina é muito inovadora, pois explora as nossas competências para o teatro e para atuar.

Durante as aulas é pedido aos alunos para escreverem atos e cenas de um teatro, que são depois representados na sala perante os colegas e o professor. Este aproveita para indicar onde cada aluno deve melhorar, corrigindo os aspetos que estão a precisar de ser alterados.

Para termos melhor conhecimento sobre como funciona esta disciplina fomos assistir a uma aula do 7º ano. Nesta aula, a turma estava a representar a obra *Ptolomeu* e, enquanto um grupo estava a atuar, o professor ia intervindo, mostrando como deviam representar e como melhorar a atuação.

Para sabermos o que estes alunos estavam a achar desta nova disciplina muito diferente de tudo aquilo que alguma vez tinham tido, pedimos a alguns para nos contarem como estava a correr esta experiência. Eles referiram que, apesar de acharem esta nova matéria difícil de acompanhar, estavam a gostar deste novo projeto pois, citando-os, "uma aula prática é sempre melhor que uma aula teórica e esta aula é muito prática".

Santiago Pereira da Silva, Santiago Quiroga, Sebastião Duarte

As casas

Arrancou este ano no colégio o projeto das casas. Existem quatro casas, que estão relacionadas com figuras históricas. A casa azul está ligada a S. Nuno Álvares Pereira e está associada à piedade. A casa verde está associada a Egas Moniz e é representada como a verdade. A casa vermelha está ligada a Martim Moniz e representa o serviço. A última casa, está unida a D. Nuno Álvares Pereira e é associada à responsabilidade. Para conhecermos melhor esta novidade, decidimos ir falar com o professor John Moreira, que é o coordenador deste projeto.

-Como surgiu a ideia de criar as casas?

-Eu sugeri que se avançasse com este projeto há mais de 10 anos, a ideia de arrancar este ano foi da Direção.

-Qual o objetivo deste projeto?

-O objetivo deste projeto é criar uma competição que seja vantajosa para os alunos, quer no aspeto académico quer no desportivo.

-Quem são os responsáveis por este projeto?

-Além do senhor diretor, sou eu.

-Que aspetos positivos pensam conseguir?

-É um projeto para muitos anos. Como é tradição nas escolas anglo-saxónicas, a estrutura da divisão por casas permite uma grande coesão entre os alunos da mesma casa, ao mesmo tempo que os alunos mais velhos ajudam os mais novos a ganhar pontos. Quando os anos passam, esta tradi ção das casas enraíza-se e e deixa muitos aspetos positivos nos alunos, quer nos que sejam mais antigos ou os que acabaram de entrar.

-Como foi feito o sorteio de alunos e professores?

-A divisão foi feita pelos diretores de turma.

-Como vai funcionar este projeto?

-A programação dos pontos das casas vai ser gradual, as casas vão ganhar pontos, por exemplo, a partir de atitudes globais, notas e projetos.

-Existe alguma recompensa no final do projeto?

-No final do ano, os vencedores vão receber uma taça/troféu, que vai ser guardada pela casa que triunfou nesse ano. Poderá haver no futuro outras iniciativas, como recompensas particulares.

Afonso Marques, António Frazão, António O'Neill

As atividades extracurriculares

Desde há vários anos que se fazem atividades extracurriculares no Planalto. Mas nestes últimos anos o colégio tem vindo a adicionar várias atividades extracurriculares.

O colégio tem 4 grandes áreas de atividades extracurriculares:

- Artes
- Línguas
- Desporto

- Tecnologia

Dentro de cada área há várias escolhas e os alunos podem frequentar atividades distintas se elas decorrerem em horários desencontrados.

ARTES

Em artes há duas atividades disponíveis:

- Ateliê de desenho e de pintura - do 4º ao 10º Ano
- Música - desde os 6 anos

O objetivo das Artes do Colégio é o de melhorar a criatividade e o potencial artístico dos alunos, bem como o seu desempenho académico, a capacidade de contemplação e a apreciação crítica, entre outras competências.

LÍNGUAS

Línguas

Na área de Línguas também existem duas opções:

- Clube de leitura e escrita - do 5º ao 9º ano
- Clube de Inglês - do 1º ao 6º ano

Estes clubes visam desenvolver competências na área da escrita e da oralidade, melhorando as capacidades de comunicação dos alunos.

DESPORTO

O Desporto tem 11 alternativas:

- Rugby- do 1º ao 9º ano
- Judo - do 1º e 2º ciclo
- Basquetebol - do 3º ao 6º ano
- Superball - do 1º ao 6º ano
- Seleção de futebol - do 5º ao 9º ano
- Esgrima - do 1º ao 6º ano
- Natação - do 1º ao 4º ano
- Ténis - do 1º ao 6º ano
- Badminton - do 3º ao 6º ano
- Jogos pré-desportivos - 1º ciclo

- Xadrez - a partir do 5º ano

O colégio tem um leque alargado de atividades desportivas que pretendem desenvolver a força e resistência, o convívio e o espírito de equipa. Há também atividades que apelam à capacidade de concentração e de pensamento abstrato, como é o caso do xadrez.

TECNOLOGIA

Existem duas opções na área tecnológica:

- The Inventors
- Diorama

A tecnologia também desenvolve o espirito de equipa e a criatividade dos alunos. Estas atividades reforçam no aluno a autoconfiança, mostrando-lhe que consegue fazer mais do que aquilo em que, muitas vezes, acredita. Nesta área os alunos aprendem a usar ferramentas de trabalho e a construir vários modelos, bem como a usá-los.

Francisco Ganito, Rafael Santa-Maria e Rodrigo Almeida

Bernardo Jordão e Manuel Santos

O professor António Stichini.

No dia 13 de dezembro entrevistamos o professor António Stichini, um novo professor aqui no colégio.

O professor já conhecia o projeto do colégio e sempre teve vontade de vir dar aulas no Planalto. Estudou arquitetura e agora é professor. Já deu aulas em duas escolas sendo uma delas internacional onde foi professor de educação visual (EV) e de educação tecnológica (ET) e agora está a dar aulas no Colégio Planalto onde foi professor de geometria descritiva e agora é professor de educação visual. Dá aulas aos mais novos e aos mais velhos, diz que cada ano tem a sua particularidade e tenta tirar proveito disso.

Após um período letivo, o professor fez um balanço desta nova experiência. Afirmou que muitas das coisas corresponderam às expectativas que tinha. Como ele próprio diz "Eu sou uma pessoa que gosta mais de ver o copo meio cheio do que o copo meio vazio". Acredita que os alunos o receberam bem enquanto professor, ao longo destes meses.

O professor Stichini gosta da cultura clássica e do Renascimento. Nos seus tempos livres faz restauração de pinturas antigas originais.

Paulo Luís e Santiago Fernandes

O professor Alexandre Zeferino

O professor Alexandre Zeferino é um dos professores de Educação Física do colégio. Fomos tentar ficar a conhecê-lo um pouco melhor.

- Há quanto tempo está no colégio?

- Se a minha memória não me falha, penso que sejam treze anos de colégio.

- Já trabalhou noutro colégio?

- Não.

- Porque é que escolheu o colégio Planalto?

- É uma boa pergunta e uma longa história... acredito que tenha sido o destino e Deus a trabalhar para que nos unisse... resumindo a história, penso que, na verdade, foi colégio que me escolheu. Tinha acabado o meu curso de Educação Física, há um ano, quando a oportunidade de lecionar aulas de EF no colégio Planalto surgiu. E surgiu através do meu grande amigo Duarte Beirolas, de quem

tenho saudades, que se lembrou de mim e me recomendou-me à Direção. Nessa altura, o diretor era o professor António Sarmento.

- Porque é que escolheu ser professor de EF?

- Quero acreditar. até porque sinto isso, que nasci com a Educação Física dentro de mim. Desde sempre que não consigo estar mais que um dia sem praticar exercício físico.

-Tem outros passatempos?

- Sim. Pintar em telas, montagem de kits (aviões) e, claro, sempre o exercício físico (bicicleta, ténis, surf, natação, corrida, musculação, paddle... entre outros).

- Qual é a razão para ser professor de crianças?

- É o meu mundo. Talvez para nunca deixar que a criança que vive dentro de mim seja apagada, esquecida... Por outro lado, é mais fácil trabalhar com as crianças do que com os adultos.

- O professor acha o Planalto um bom sítio para os seus filhos?

- Sim.

- Acha que os seus filhos o ajudaram a ter uma melhor ligação com as crianças na sua profissão?

- Penso que seja ao contrário, embora esteja sempre aprender e a tentar melhorar os meus possíveis defeitos com eles. Penso que seja ao contrário visto ter começado a minha profissão ainda eles não eram nascidos. A minha profissão por um lado deu-me mais forças para cumprir com o meu sonho em ser pai, bem como me ajudou, através de todos os alunos que já tive, a preparar-me para ser pai e como olhar, lidar e compreender as crianças. Agora, claro que os meus filhos me ajudaram e ajudam-me em outras situações, para que melhore onde possa estar a falhar ou em, simplesmente, porque vou aprendendo com eles.

- Ser professor sempre foi a profissão que o professor imaginou ser?

- Não. Primeiro quis ser cozinheiro.

- O professor sente-se feliz a fazer o que faz?

- Sim.

Aurísio Francisco e Bernardo Barbosa

O professor António Duque

Um dos novos professores no colégio é o professor António Duque, que foi também aluno do Planalto. Estivemos à conversa com ele.

- O que fazia antes de vir para o colégio?

- Trabalhava num departamento financeiro numa farmacêutica.

- Por que escolheu ser professor?

- Fui desafiado pela escola porque fui um antigo aluno do colégio e quis experimentar ser professor.

- O que viu no Colégio Planalto que o motivou a dar aulas aqui?

- Já tinha andado no colégio, e fui desafiado por colegas meus. Também já conhecia o ambiente.

- Como prepara as suas aulas?

- Na matemática do 5º ano, dou mais liberdade dos alunos; no 10º ano, sigo de forma mais rígida o meu plano normal, para conseguirmos compreender tudo sem grandes dúvidas.

- Como é que consegue impor o respeito nas suas aulas?

- No 5º ano preocupo-me em dar mais o exemplo mantendo uma postura calma perante os alunos, enquanto no IB levanto um pouco mais a voz, pois a diferença de idades entre mim e eles não é muito grande, devido ao facto de eu ser novo.

- Como é que sabe se um aluno está a acompanhar a matéria ou não?

- Quando o aluno tem mais questões é porque houve trabalho prévio da sua parte e nota-se aprendizagem. Mas também pelo tipo de perguntas que fazem e se fazem ou não questões.

- Quem o influenciou a ser professor?

- Tal como disse anteriormente, já fui aluno do colégio, então acho que fui influenciado pelo modelo e exemplo que os meus professores me deram.

- Qual foi a situação mais difícil que enfrentou como professor?

- Como comecei a minha carreira profissional há três meses ainda não sei bem dizer, mas para mim, foram as primeiras semanas, a readaptação ao ambiente que já conhecia enquanto aluno e ir ganhando a confiança dos alunos.

- Como se sente quando os alunos não gostam da sua disciplina?

- No IB há mais liberdade para os alunos escolherem as disciplinas, então existe sempre a hipótese de, se o aluno não gostar, trocar de disciplina. No 5º ano como a disciplina é obrigatória tenho de tentar ir atrás de cada aluno e motivá-lo a tomar o gosto pela disciplina.

- Já alguma vez pensou em desistir desta carreira como professor?

- Não, nunca pensei em desistir, também porque só estou cá há três meses, para além da fase de preparação, mas o mais difícil para o mim foi a altura aterradora de quando cheguei à escola e não conhecia nenhum dos alunos.

António Abreu e Bernardo Jordão

O homem que nos leva a passear

O nosso grupo decidiu entrevistar o homem que nos leva a passear. Falamos do senhor Adriano, o motorista dos autocarros do Colégio Planalto

- Há quanto tempo faz isto, senhor Adriano?

- Há cerca de 15 anos.

- E aqui no Colégio?

- Estou a trabalhar aqui no colégio há cerca de 11 anos.

- Qual a situação mais perigosa que lhe aconteceu a conduzir os autocarros do Colégio?

- Felizmente, não houve consequências, mas uma vez estava a conduzir e, de repente, atravessa-se um ciclista à minha frente e vi-me obrigado a travar a fundo. Um dos miúdos estava em pé no autocarro e podia ter-se magoado gravemente.

- Ele podia ter morrido?

- Era muito difícil, mas aquilo marcou-me para a vida. Lembro-me perfeitamente. Estava a caminho do Mira Rio, em Belém, e naquela zona não se pode andar muito rápido, mas se fosse a mais velocidade poderiam ter existido problemas.

- O senhor Adriano já faz isto há muitos anos. Algum aluno ainda mantém contato consigo?

- Assim, em termos de proximidade, não. Mas já me têm aparecido alguns que me cumprimentam e que se lembram de mim. Lembro-me de uma vez, quando estava parado em Belém, que um antigo aluno do Colégio me reconheceu e fez uma festa e tudo mais, ficou muito contente. São histórias que nos deixam alegres.

- Porque é que continua a transportar alunos do Colégio ao fim de tantos anos?

- Tenho colegas que trabalham para a mesma empresa e fazem o mesmo serviço, mas não gostam de trabalhar com crianças e jovens porque vocês nem sempre são corretos e estes não têm muito paciência. O que me motiva é que eu considero que, de certa forma, vocês me põem mais jovem pois lido convosco. Sempre gostei de estar aqui.

- Quantos mais anos espera fazer este serviço no Colégio Planalto?

- Até à reforma. Eu e o senhor Santos - na brincadeira - até já combinámos que, quando eu me reformar, o senhor Santos também se reforma, o que, apesar de ser muito difícil de se concretizar, gostava muito que acontecesse.

- Se não tivesse esta profissão, o que gostaria de ser?

- Antes de tudo, aconselho-vos sempre a acabarem os estudos, pois foi uma coisa que eu não fiz, apesar de ter tido essa possibilidade. Se calhar noutra vida gostaria de os acabar. Em termos de trabalho, gostaria de fazer alguma coisa relacionada com tecnologia. Mas gosto daquilo que faço.

Manuel Martins e Tomás Trindade

Pela Baixa Pombalina

Na semana de pausa da primeira semana de novembro, os alunos do 9º ano fizeram uma reportagem fotográfica pela Baixa de Lisboa, tentando captar as caraterísticas mais marcantes da arquitetura pombalina. Aqui ficam as fotos feitas pelos por alguns dos grupos.

3 - O Arco do Triunfo

4 - Janelas grandes

5 - Ruas largas

6 - Praça do Comércio

7 - Calçada

Afonso Esteves, Afonso Marques, Francisco Coimbra, Miguel Ramalho e Santiago Silva

Ruas muito estreitas com casas paralelas umas as outras

D. José volta a erguer Lisboa após do Terramoto

Francisco Ganito, Francisco Pou, Manuel Martins, Rafael Santa-Maria e Rodrigo Almeida

8 - Poder.

9 - Simetria.

10 - Linhas retas.

Henrique Querido, Manuel Santos, Rodrigo Palminha, Santiago Fernandes e Sebastião Duarte

As tradições natalícias em França

11 - Le Père fouettard

Existem muitas tradições populares em França no período de Natal. Falar-vos-ei em particular das tradições da Borgonha e, mais amplamente, dos países do Leste

de França. Estas mesmas tradições podem ser encontradas em quase toda a parte no Ocidente, incluindo Portugal.

Muitas tradições são esquecidas pela maioria das pessoas, mas algumas ainda estão vivas, especialmente nas famílias cristãs.

1. O berço vivo e o berço em casa com a grinalda de Advento:

Para preparar para o Natal e o Advento é feita uma coroa de flores com quatro velas (quatro semanas do Advento). Um presépio é feito em casa e na véspera de Natal pode-se participar num presépio ao vivo na igreja.

2. Missa da meia-noite:

O ponto central do Natal é, evidentemente, a Missa da Meia-Noite porque, segundo a tradição, Cristo nasceu à meia-noite. Segundo contos e lendas, os animais falam na noite de Natal e contam as suas verdades às pessoas (isto serve para lembrar que o boi e o burro desempenharam um grande papel na ajuda à Sagrada Família).

3. Véspera de Natal e cantoria:

Em algumas famílias, o *Gloria in excelsis Deo* (que é o canto dos anjos na altura da natividade ouvido pelos pastores que são os primeiros adoradores de Cristo- os primeiros cristãos) é cantado diante da mesa. É por isso que existem muitas canções de Natal populares que são específicas de cada região e que são conhecidas e cantadas durante esta época.

4. O tronco de Lareira e os presentes: Jesus ou Pai Natal?

Segundo a tradição, antes de partir para a missa da meia-noite, o pai da família coloca um grande tronco na lareira para que a casa esteja quente quando regressa da celebração. Coloca também discretamente alguns doces e bolos. Ao regressar da missa, o tronco é batido para fazer o maior número de faíscas possível e para fazer as crianças pequenas acreditarem que foi o tronco que secou os doces para celebrar o nascimento de Jesus. Esta é a origem do tronco da sobremesa para a ceia de Natal. Em algumas regiões existem sete sobremesas tradicionais de Natal, como na Provença.

O Pai Natal é uma invenção comercial recente nascida nos EUA, a partir do anúncio da Coca Cola e, pouco a pouco, vai tornando pagãs as nossas formas de celebrar o Natal. Em algumas famílias cristãs falamos do pequeno Jesus a levar presentes às crianças, mas não falamos do Pai Natal.

5. São Nicolau e o «Père fouettard».

No início do Advento, São Nicolau é celebrado na França Oriental e na Europa de Leste. É um santo bispo da Ásia Menor (hoje Turquia), monta numa carruagem e atira doces a boas crianças. É acompanhado pelo "Père Fouettard", um homem muito feio, vestido de preto como um homem do carvão, com um chicote. Ele diverte-se a assustar as crianças.

6. O Homem de Janeiro

Em algumas regiões, é depois do Natal que se fala de presentes, como em Espanha. O Homem de Janeiro, vestido um pouco como o Pai Natal, trazia apenas um presente para que as crianças não fossem demasiado mimadas. Vinha no dia 1 de Janeiro, depois do Natal, pouco antes da festa dos reis, e era um grande caminhante como os sábios.

7. A festa dos Reis

No tempo da Epifania (que significa, em grego, manifestação, ou seja, que Jesus se manifesta a todas as nações através dos Magos que vêm de cantos remotos de todos os horizontes, depois da missa há a tradição do bolo com um feijão. Esta é uma tradição antiga que vem da Idade Média. Hoje colocamos um feijão ou um pequeno objeto num bolo e aquele que o ganha, depois de um sorteio feito pelo mais pequeno escondido debaixo da mesa, torna-se o rei do dia e escolhe uma rainha, sendo-lhe colocada uma coroa na sua cabeça.

Jean Brintet

Sebastião Machado